



## RUBRA FLUIDEZ: UMA PERFORMANCE SOBRE A MENARCA

Rubra Fluidez: a performance about the menarche

Rubra Fluidez: una performance sobre la menarquia

Camila Matzenauer

Gisela Biancalana

### RESUMO

O presente artigo apresenta um relato sobre o processo de criação da performance Rubra Fluidez. A obra artística é uma abordagem poética da menarca a partir do relato de várias mulheres, incluindo a artista, sobre a primeira menstruação. Com um viés feminista, a obra busca discutir como questões biológicas, entendidas como marcadoras do tempo no corpo feminino, podem ser lidas e interpretadas culturalmente. Além disso, o texto aborda a multiplicidade da obra enquanto característica própria da Arte Contemporânea. Rubra Fluidez integra uma dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Artes Visuais. A obra integra uma série de Performances ancoradas em questões relativas ao universo feminino ao explorar a passagem do tempo no corpo da mulher. O estudo é subsidiado por autores como Beauvoir; Ribeiro; Ricoeur e Cauquelin.

**Palavras chave:** Performance arte; Feminino; Tempo; Corpo; Processo criador

### ABSTRACT

The present article showcases a report about the creative process of Rubra Fluidez Performance. The artistic work is a poetic approach to menarch from the narrative of several women, including the artist herself, about their first menstruation. In a feminist bias, the work seeks to discuss how biological issues, understood as time markers in the female body, can be read and interpreted culturally. In addition, the text deals with the multiplicity of works as a feature of Contemporary Art. Rubra Fluidez is part of a research in a postgraduate program in Visual Arts. The work integrates a series of Performances anchored in questions related to the feminine universe, exploring the passage of time in the body of the woman. The study is subsidized by authors such as Beauvoir, Ribeiro, Ricoeur and Cauquelin.

**Keywords:** Performance art; Feminine; Time; Body; Creative process

### RESUMEN

El presente artículo presenta un relato sobre el proceso de creación de la performance Rubra Fluidez. La obra artística es un enfoque poético de la menarca a partir del relato de varias mujeres, incluyendo la artista, sobre la primera menstruación. Con un sesgo feminista, la obra busca discutir cómo cuestiones biológicas, entendidas como marcadoras del tiempo en el cuerpo femenino, pueden ser leídas e interpretadas culturalmente. Además, el texto aborda la multiplicidad de la obra como característica propia del Arte Contemporáneo. Rubra Fluidez integra una disertación de maestría del programa de postgrado en Artes Visuales. La obra integra una serie de actuaciones ancladas en cuestiones relativas al universo femenino al explorar el paso del tiempo en el cuerpo de la mujer. El estudio es subsidiado por autores como Beauvoir; Ribeiro; Ricoeur y Cauquelin.

**Palabras clave:** Performance Arte; Femenino; Tiempo; Cuerpo; Proceso creador

<sup>1</sup> Camila Matzenauer dos Santos é Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais com ênfase em Arte e Cultura (PPGART/UFSM) (2019). É integrante do Laboratório de Pesquisa Performance Arte e Cultura (UFSM), no qual dedica-se ao estudo da Arte da Performance.

<sup>2</sup> Gisela Biancalana é Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP (2010). Atua no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGART/UFSM) desde 2010. É líder do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ e coordena o Laboratório de Performance, arte e cultura (LAPARC), vinculado ao PPGART e ao Curso de Dança.Arte e Cultura (PPGART/UFSM) (2019). É integrante do Laboratório de Pesquisa Performance Arte e Cultura (UFSM), no qual dedica-se ao estudo da Arte da Performance.



## Introdução

Ao longo desta escrita compartilho um recorte de minha pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Em meu trabalho, abordei a poética da passagem do tempo no corpo da mulher a partir de alguns momentos dos ciclos do corpo feminino, como a menarca, gravidez, parto e puerpério. A fim de coletar relatos sobre esses momentos, desenvolvi pesquisas de campo com mulheres de diferentes faixas etárias e contextos socioculturais. A partir de minha aproximação e relação com suas vivências e memórias, trouxe essas narrativas como estímulo para a minha criação artística. Neste contexto, a Performance Arte foi o canal escolhido para abordar essas questões pulsantes. Em face disso, é importante destacar que a contribuição deste estudo residiu no olhar poético oferecido aos estudos feministas.

Aqui, especificamente, escrevo sobre o processo de criação da Performance Rubra Fluidez, criada a partir dos relatos, meu e de outras mulheres, sobre a primeira menstruação. Assim, destaco que esta é uma pesquisa feita por, sobre e com mulheres, na qual estudei o universo feminino vislumbrado sob perspectivas socioculturais. Entre elas e, de modo geral, enfatizo questões referentes às lutas feministas, abordando poeticamente aspectos políticos e biológicos que afetam a mulher. Deste modo, reconheço que essa investigação parte de inquietações pessoais, as quais me sensibilizam e movem-me. Afinal, eu sou uma mulher e, muitas vezes, reconheci-me nas mulheres com quem entrei em contato ao longo desse processo.

Em face disso, meu trabalho desenvolveu-se desde uma abordagem autoetnográfica, uma vez que se estabeleceu no trânsito constante entre a minha vivência e as de outras mulheres. De acordo com Fortin, “os dados autoetnográficos, definidos como as expressões da experiência pessoal, aspiram a ultrapassar a aventura propriamente individual do sujeito” (FORTIN, 2009, p. 84). Portanto, a partir de uma proposta horizontal, o método valoriza minha experiência, enquanto artista e mulher, no processo criativo e na pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que estuda as relações culturais com o meio.

Somando-se às questões supracitadas, destaco que o tempo foi um dos principais eixos de minha pesquisa. Para abordá-lo, parti da relação entre tempo e narrativa, proposta por Ricoeur (1994). Ao relacionar o pensamento de Santo Agostinho acerca do tempo e de Aristóteles acerca da intriga (narrativa), o autor considera que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15). Essa leitura colaborou para que eu visualizasse melhor que abordei o tempo em minha criação artística por meio de uma narrativa conduzida por fases da vida da mulher, as quais nomeio como ciclos do corpo feminino.

Além disso, mais do que trabalhar com um conceito específico, interessei-me pela experiência do tempo relatada nas memórias de outras mulheres. Nesse sentido, Candau (2016) escreve que a perda da memória é também a perda da identidade (p. 59), uma vez que “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em origem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (CANDAU, 2016, p. 61). Para mim, essa citação expressa muito o modo como os relatos têm evocado momentos de vida das mulheres que participaram desse processo, os quais contribuem para a elaboração de suas identidades femininas.

Evidentemente, a passagem do tempo no corpo envolve questões biológicas e questões culturais. No entanto, falar sobre aspectos biológicos exige cuidado e atenção redobrados, ao considerar que os mesmos podem ser usados para justificar e naturalizar comportamentos machistas e opressores em relação à mulher. Justamente por essas questões, a filósofa Simone de Beauvoir (1980) discute como questões biológicas têm sido usadas para atribuir uma essência própria à mulher, criando identidades fixas que as limitariam a determinados destinos – fisiológico, psicológico, econômico – pré-definidos. Segundo Beauvoir (1980, p. 58), é necessário que aspectos biológicos sejam considerados devido ao fato do corpo ser nosso domínio do mundo. Contudo, ela recusa o pensamento de que esses dados constituam um destino imutável à mulher. Assim, seu pensamento vai ao encontro daquilo que propus com minha pesquisa. Entretanto, ao longo da história, muitos foram/são os autores que estão na contramão deste modo de pensar. Um exemplo, é o filósofo Aristóteles, citado pela autora, o qual considerava que as mulheres carregam consigo uma espécie de deficiência natural. Nas palavras dele, “a fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades” (ARISTÓTELES apud BEAUVOIR, 1980, p. 14).

Neste contexto, instigou-me observar como, muitas vezes, os ciclos que abordo são vistos de forma patológica, como se fossem defeitos, problemas do corpo feminino. Outras características do corpo feminino também contribuem para o reforço de noções que diminuem seu valor, quando se refere ao tamanho, à força muscular, entre outras. A mulher é colocada com frequência como menor, mais fraca e, portanto, mais vulnerável em relação ao sexo masculino. Esses pensamentos intensificam-se pelas muitas noções atribuídas à mulher como, por exemplo, a passividade e a submissão. As noções supracitadas, relacionadas às características biológicas femininas, são entendidas como algo próprio de sua natureza, de seu corpo.

Beauvoir (1980) também destaca aspectos referentes à alteridade, expondo o fato de que, majoritariamente, a mulher é pensada a partir de e em relação ao homem. O corpo feminino é pensado referente ao masculino, o homem como sujeito absoluto, a mulher como o outro, e assim por diante. Assim, é importante pensar sobre como elaborações socioculturais vão constituindo este ser feminino inserido em um contexto protagonizado pelo universo masculino. Reconhecer esses aspectos biológicos nas formulações do pensamento cultural sobre a mulher foi esclarecedor nesta pesquisa.

Assim, procurei entender os aspectos biológicos que se tornaram alavancas da manutenção do poder masculino. Ao abordar a menarca, enquanto estado próprio do gênero feminino, interessou-me estudar como essas questões biológicas podem ser lidas, interpretadas e afetadas culturalmente. Neste contexto, trago Scott (1990), para conceituar gênero como a organização social da diferença sexual percebida. Esta noção não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Ou, nas palavras da autora, gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Scott, 1990, p. 13)

Deste modo, a questão não está em negar que existem diferenças entre os corpos sexuados, mas em pensar como foram sendo construídos significados culturais e, conseqüentemente, relações de poder a partir de e para eles. Assim, o trabalho desenrola-se em um viés feminista, uma vez que, por meio dele, busco ouvir e valorizar as experiências de mulheres baseadas nas referências escolhidas da pesquisa de campo e de mim mesma.

Reconhecer o plano pessoal como político é uma das questões levantadas pelo feminismo, a qual considero mais relevante para abordar em minha pesquisa. Diante desse pensamento, justifico o ato de coletar memórias e experiências de vida, minhas e de outras mulheres. Ao relacionar este denso manancial de vida (s) aos estudos feministas, tenho me possibilitado visualizar como micro e macro contextos afetam-se mutuamente e como essas experiências podem se reverberar em um âmbito maior. Ao mesmo tempo, destaco que por mais que tenha me proposto a alcançar mulheres inseridas em diferentes contextos, não tive a pretensão de falar por, mas de tentar falar com, buscando uma horizontalidade.

Nesse contexto, é importante pensar, ainda, na noção de lugar de falar ao reconhecer que ao partirem de diferentes locais, as mulheres sofrem diferentes tipos de opressão além do machismo e vivenciam-no de modos diferentes. De acordo com Ribeiro (2017), todos possuem local de fala, mas essa fala parte de perspectivas diferentes, uma vez que as pessoas ocupam posições sociais distintas. O hábito de ouvir uma voz única - geralmente masculina, branca, heterossexual e cis-gênero -, muitas vezes faz esquecer que as vozes partem de um lugar marcado. A partir daí o entendimento da pluralidade de vozes pode ser potente para romper com essa ideia de uma voz universal, questionando quem detém o direito à fala. Portanto, considero necessário enfatizar que não trago a voz de todas as mulheres. Não tive essa pretensão e tal feito seria utópico. Procurei, sim, ocupar espaços diferentes para ampliar a diversidade dessas vozes femininas sem me restringir a um grupo específico de mulheres.

Neste sentido, também se fez necessário pensar sobre meu lugar da escuta nesse processo. Tiburi (2018, p. 56) lembra que “a escuta política não é dócil”. Segundo a autora, ela se trata de um “elemento prático no processo político que precisa ser experimentado com urgência, sobretudo pelos sujeitos que detém o privilégio da fala”. Na pesquisa de campo, coloquei-me em uma posição de escuta, enquanto estudante de pós-graduação. Quando me propus a não falar por essas mulheres, mas com elas, busquei reconhecer seus locais de fala visualizando que a universidade me concede um lugar privilegiado em relação aos de muitas outras. É a partir desse meu lugar de escuta que transformo meu espaço de fala, garantido e legitimado pela academia, colaborando para que este seja ocupado pelas narrativas femininas trazidas em Performance.

## **Desenvolvimento - A performance Rubra Fluidez**

Em Rubra Fluidez abordo a menarca com base no relato de várias mulheres sobre sua primeira menstruação. As questões que me moveram a criar essa Performance nasceram fundamentadas em uma criação poética, anterior ao meu ingresso no mestrado, durante uma residência artística, em 2015. A metodologia proposta nessa residência consistia em trabalhar o movimento, a partir de proposições baseadas nas inquietações pessoais de cada performer, funcionando como um estímulo, a fim de que esses respondessem através de suas criações. A célula de movimento, criada ali, originou-se a partir da palavra *metamorphosis*. Quando iniciei este processo, meus movimentos e memórias remetiam à minha menarca; à importância que é dada a este momento de transição; às mudanças pelas quais o corpo da mulher passa durante este período e ao simbolismo da transição da infância para a fase adulta como, por exemplo, a recorrente ideia de “virar mocinha” com um corpo que já é capaz de gerar outra vida.

Explorar essa temática fez-me lembrar da série de recomendações que recebi, concomitante à minha primeira menstruação, como: o resguardo do corpo, privações e o cuidado maior em relação ao olhar dos homens. Em uma sociedade patriarcal na qual, de modo geral, homens geralmente não são educados para respeitar mulheres, parece que se torna necessário ensinar as mulheres a proteger-se deles. Todas as mudanças e conselhos assustaram-me e, conseqüentemente, conscientizaram-me das estruturas de uma sociedade machista. Para além disso, havia também a lembrança de sentir vergonha deste corpo que sangrava e começava a salientar suas características sexuais. Entendo, ao abordar este tema, que não mostro algo novo, no entanto, sinto necessidade de falar sobre ele em uma poética própria.

Diante deste trabalho, pude evidenciar o quanto a menarca foi algo marcante para mim, o que fez com que eu me questionasse como outras mulheres sentiam-se a respeito de sua primeira menstruação. Como coloco inicialmente no texto, a pesquisa de campo foi o caminho que encontrei para estar próxima de mais mulheres, valorizando a dimensão sociocultural dos acontecimentos estudados. Deste modo, trago elementos etnográficos, ao propor a pesquisa de campo. Porém, direciono-me à autoetnografia, ao focar como a minha experiência insere-se na pesquisa, tanto em seu fazer

artístico, quanto na relação estabelecida com as mulheres durante o levantamento de dados.

Assim sendo, para recolher estas histórias, optei por distribuir, em banheiros da cidade de Santa Maria, papéis e lápis juntamente com um cartaz com os dizeres: “você lembra de sua primeira menstruação? Poderia escrever sobre?”. A princípio, a proposta era guardar todos os papéis, como uma forma de aproximar-me dessas mulheres pela materialidade de suas escritas. Em pouco tempo, comecei a receber o retorno de vários relatos e passei a guardá-los como preciosidades, pequenos pedaços da história de outras mulheres.

A proposta tomou uma proporção muito maior do que o esperado quando uma foto do cartaz foi postada em um grupo com temática Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual no Facebook. Em pouco tempo, a postagem já possuía mais de mil comentários com mulheres contando sobre sua primeira menstruação. Também foi surpreendente a quantidade de mulheres que, por saber da minha pesquisa, vieram até mim para conversar sobre a experiência de suas menarcas, ou então indicavam-me leituras e outros materiais acerca desse tema.

A partir do momento em que decidi trazer outras mulheres para minha pesquisa, permiti que elas a transformassem, ao mostrarem outros caminhos e possibilidades, as quais, muito provavelmente, eu não percorreria. Deste modo, as ideias iniciais modificaram-se e, conseqüentemente, optei por não mais usar a materialidade dos papéis com as escritas, mas gravá-las em áudio. Com isso, selecionei quais áudios seriam gravados, priorizando alguns em detrimento de outros, devido à quantidade de relatos coletados.

Neste contexto, o meio virtual mostrou-se como uma forma de potencializar a pesquisa. Dessa vez, decidi recorrer à Internet, fazendo uma postagem no Facebook para buscar mulheres dispostas a gravarem alguns áudios. Em pouco tempo, várias delas entraram em contato comigo, a fim de colaborar. Esta decisão me instigou a estar cada vez mais atravessada por outras mulheres, pois além de amigas e colegas, contei com o apoio de mulheres que não me conheciam, mas que de algum modo sentiram-se tocadas por este trabalho.

Nessa etapa da criação, passei a organizar o material separando os arquivos de áudio em pastas com assuntos em comum. Entre as classificações estavam culpa; vergonha; esperava muito pela menstruação; não queria menstruar; indiferença, entre outras. Depois das categorias criadas, selecionei alguns áudios, os quais considerei mais pertinentes, para destacá-los em relação a outras falas. Considerei também que trazer o meu relato da menarca era muito significativo, afinal, foi a partir da minha experiência que surgiu o desejo de criar a performance. Assim, colocando-me como uma mulher que também já passou por esse momento, gravei o relato da minha primeira menstruação. É com ele que todo o áudio da performance inicia.

No que se refere à visualidade de Rubra Fluidez, depois de reunir todos estes relatos, decidi criar uma tenda que remetesse às tendas da lua, referência ao espaço em que, em algumas tribos norte-americanas, as mulheres reuniam-se durante seu período menstrual, valorizando seu sangue como sagrado e trocando saberes entre si (SAMS, 1993 apud GEIGER, 2014, p.74). Como figurino, escolhi um vestido vermelho, assim como a tenda. Um vestido longo, o suficiente para cobrir todo o chão da tenda, como se eu fosse parte dela, como um rio de sangue. Em meio a um fluxo de memórias e vivências, é como se meu corpo emergisse dos tecidos.

A performance começa comigo sentada dentro da tenda. Inicio a performance contando sobre minha primeira menstruação, simultaneamente ao áudio que gravei. Quando a fala vai chegando ao fim, ela começa a se somar às outras vozes femininas as quais se misturam entre si suscitando e estimulando minha movimentação corporal. Minha ação consiste em mover-me a partir das histórias contadas que se misturam preenchendo o espaço vermelho-quente-útero. A dinâmica altera-se oscilando entre um número maior ou menor de relatos. Ora as histórias estão mais inteligíveis, ora menos. No final, o áudio decresce em ritmo e volume até que acabe. Nesse momento, saio de dentro da tenda. Pousei minha mão sobre o púbis e lentamente recolho o vestido entre as pernas, como se fosse guardá-las em minhas entranhas e estas, por sua vez, abrigassem todas essas memórias compartilhadas. Lentamente, caminho até que o público não mais possa ver-me.

Diante da dimensão que tomou a proposta dos relatos, muito maior do que imaginava, pude confirmar aquilo que já vinha percebendo há tempos: as mulheres precisam falar e fazer-se ouvir. Assim como havia relatos falando com naturalidade e até mesmo celebrando a menstruação, outros falavam sobre culpa, vergonha, nojo de si. Por que a menstruação pode gerar este turbilhão de sentimentos e muitas mulheres olham para este fenômeno de sua própria natureza de forma negativa? Algumas delas escreveram que estavam falando pela primeira vez sobre isso. Em que momento elas passaram a ter nojo, medo ou vergonha de seus corpos? A menstruação ainda é um tabu e, por meio da criação deste trabalho e de minhas próprias vivências como mulher, pude enxergar quanto ainda é necessário ou deseja-se falar sobre esse assunto.

Deste modo, retomando o processo de criação da performance, instigou-me o modo como a pesquisa difundiu-se por meio da Internet. A proposta fugiu de minha delimitação inicial, alterando a primeira ideia do trabalho. Isso permitiu que eu tivesse acesso a um número de relatos acima do esperado. Através da difusão da imagem do cartaz nas redes sociais, estabeleceu-se outra relação com a pesquisa, ou pode-se dizer que o campo da pesquisa foi ampliado quantitativamente com efeitos na qualidade do trabalho. No início, interessava-me reunir relatos em diferentes localidades da cidade de Santa Maria (RS), fazendo um recorte local do tema abordado. No entanto, pela velocidade e amplitude que a questão ganhou nos meios digitais, muito mais mulheres puderam contar-me sobre suas experiências. Ao invés de suas letras no papel em anonimato, agora eu possuía acesso ao perfil de várias mulheres que mostravam nome e rosto na rede. Esse acontecimento

inesperado mostrou-se como um suporte para mim, pois, se houve repercussão, é porque esta é uma questão pulsante. Através do estímulo daquele cartaz, foi possível a criação de outros espaços de fala para mulheres.

Fig. 1. Performance Rubra Fluidez no Seminário Arte, Gênero e Identidades – Universidade Federal de Santa Maria. 13 de abril de 2018. Fonte: Foto de Sérgio Fialho.



Além disso, a pesquisa de campo reforçou o quanto questões culturais estão atreladas à menarca. Um exemplo disso, é o pensamento de que se torna mulher a partir da primeira menstruação. Em um dos relatos, havia escrito que a primeira menstruação era “sinônimo de ser mulher”, quase como um “debutar da natureza”. Ou seja, a ideia de que a mulher só é mulher a partir do momento em que ela se torna capaz de reproduzir, reforça a velha associação do feminino com a natureza, a qual parte da noção de ser mulher atrelada às suas funções sexuais e reprodutivas. Algumas meninas contam que receberam flores, ligações de pessoas da família parabenizando e, até mesmo, festa para celebrar. Em uma das falas, uma mulher comenta que na época pensou: “se me tornei uma moça, por que não me sinto diferente?”.

Houve, também, depoimentos que abordam a menstruação como um símbolo de feminilidade com o qual elas não se identificam. Entre as falas, muitas mulheres afirmaram que o sexo era colocado como algo agressivo, ruim, problemático. Muitas ouviam recomendações de que, de agora em diante, deveriam cuidar-se para não engravidar, mas tampouco sabiam como isso acontece. A cobrança que algumas meninas sentiam por terem menstruado mais tarde que outras, além do medo de crescer e a crença de que se deixa de ser criança ao menstruar era sentido por muitas delas. Outra menina dizia sentir-se uma “bolachinha estragada” por ter menstruado alguns anos depois que a maioria das meninas da sua idade. Entre os relatos foi muito comum as meninas esconderem que haviam menstruado por vergonha. Outra fala que me chamou muito a atenção foi a de uma mulher que sentiu muita vergonha de contar ao pai e depois ouviu dele que ia “começar a andar armado para não deixar homem nenhum chegar perto da filha”. Outras tantas não sabiam o que era menstruar até acontecer, enfim. A menstruação vem à tona, assumindo várias formas. Seja ela como algo sagrado, seja como algo nojento ou incômodo, ou até mesmo como uma legitimação do ser mulher.

As falas me sensibilizaram, pois trazem as recordações das vivências de meninas e adolescentes - cheias de expectativas, descobertas, medos e cobranças - em muitos momentos, carregadas de pensamentos machistas que reverberaram na experiência da menarca. Suas narrativas, muitas vezes, refletem o meio em que elas estavam inseridas, em alguns momentos revelando um pouco sobre suas famílias, seus relacionamentos da época, suas crenças, o modo como foram criadas, entre outros. Destaco que esta é uma pesquisa em Artes, portanto, o que proponho não é uma análise de dados antropológica, mas subjetiva, autoetnográfica. Olhar para essas falas, ao mesmo tempo em que relembra a minha menstruação, fez com que eu me apropriasse ainda mais deste trabalho, criando mais subsídios para expansão e aprofundamento da pesquisa.

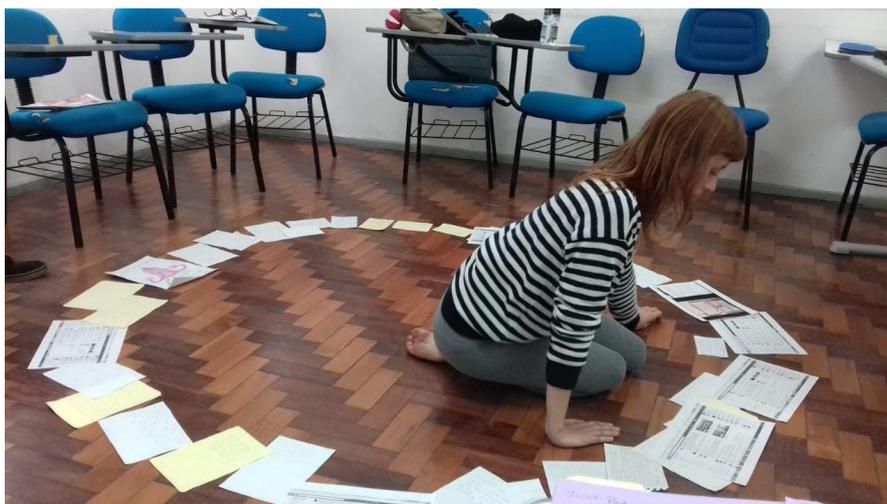
A performance foi apresentada no formato descrito anteriormente em três eventos na UFSM: na comemoração dos 30

anos do Teatro Caixa Preta e no Seminário Arte, Gênero e Identidades, ambos ocorridos em abril de 2018, além de compor o PerformAções Artísticas 2018, em agosto. O trabalho artístico também foi apresentado no centro da cidade de Santa Maria - RS, no Solstício no Jardim, evento que contou com feira de artesanos locais, tendas de cura e shows musicais.

Além das apresentações supracitadas, levei um desdobramento de Rubra Fluidez para a disciplina do PPGART, Arte e Subjetivações de Si, no formato de uma fala performativa em que dei corpo a inquietações pessoais enquanto pesquisadora. Nessa fala, expus o processo criador da performance Rubra Fluidez contando também sobre minha experiência como pesquisadora, os aprendizados que tive até então, as desistências, descobertas e amadurecimentos do processo. Ao mesmo tempo em que eu compartilhava o processo de criação da performance em sala de aula, ia colocando os relatos escritos e impressos ao meu redor até ficar envolta por um círculo de memórias, movimentando-me circularmente dentro dele.

Enquanto em Rubra Fluidez conto com vários recursos estéticos e cênicos – uma tenda, figurino, maquiagem, iluminação e os áudios com os relatos – minha fala performativa foi reflexiva trazendo somente os papéis escritos pelas mulheres como elementos de cena. Minha fala em aula foi uma experimentação assim como minha escrita agora. São desdobramentos e reflexões ao mesmo tempo em que também são parte de Rubra Fluidez. Essa foi uma maneira de eu retomar os papéis que desejava usar inicialmente. Nesse exercício em sala de aula, tive consciência de que falar sobre a obra também é um modo de executá-la. A partir dessas reflexões, acreditei que dar corpo a questões, falando sobre elas, seria outra possibilidade de construir a criação artística. Contar minhas inquietações, reconhecer meu lugar enquanto artista/pesquisadora/mulher e expor ao público o processo anterior à Performance Rubra Fluidez “em si” poderia vir a ser um meio de aproximar as pessoas ainda mais do trabalho.

Fig. 2. Fala performativa sobre Rubra Fluidez apresentada durante a disciplina Arte e Subjetivações de Si, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM. 14 de julho de 2018. Fonte: Foto de Marcella Rodrigues.



Minha apresentação em sala de aula girou em torno da questão “para quem pesquiso?“, a qual me impulsionou a apresentar a performance na Royale Escola de Dança e Integração Social<sup>1</sup>. Como na maioria dos relatos que chegaram a mim as mulheres haviam menstruado com onze ou doze anos, fiquei instigada a apresentar a performance para pré-adolescentes e adolescentes que, portanto, teriam vivenciado a menarca recentemente ou iriam passar por ela em breve. Sendo assim, o espaço dessa Organização Não Governamental (ONG) se mostrou profícuo para tal. Ali, optei em apresentar a performance artística e realizar uma roda de conversa com as meninas presentes. Para esse momento, elaborei uma fala mais acessível, de caráter educativo e didático, a fim de aproximar as meninas do meu trabalho, colaborando para que se apropriassem da discussão. Foi o que aconteceu. Nesse espaço, elas se sentiram confortáveis para compartilhar experiências machistas que vivenciavam na escola e, espontaneamente, algumas começaram a relatar sobre a menarca. Essa experiência foi muito significativa para mim ao reforçar o quanto ainda é necessário falar sobre as questões abordadas em performance.

Considero que a performance Rubra Fluidez marca um momento de amadurecimento da pesquisa, pois é a primeira Performance criada a partir da narrativa dos ciclos do corpo feminino. Ela também é a primeira que segue a metodologia que propus com realização de pesquisa de campo com mulheres. Justamente por seguir esse modo de pesquisar, esse trabalho

1 A Royale é uma Organização Não Governamental (ONG) de Santa Maria - RS que realiza o Projeto Dança: Movimentos para a Cidadania, o qual atende mais de duzentas meninas a partir dos quatro anos, moradoras de comunidades periféricas da zona oeste da cidade. O projeto integra ações multidisciplinares e interdisciplinares – Oficina Dança Cidadã, Oficina de Apoio Pedagógico, Oficina de Artes Plásticas, Oficina de Língua Francesa e Apoio Psicológico – tendo o Ballet Clássico como eixo temático central.

exigiu um tempo maior para maturar cada etapa do processo do que os anteriores. Aqui eu também estava construindo a metodologia na medida em que a vivenciava. Acredito que isso foi fundamental para impulsioná-la a chegar onde chegou, instigando-me a um nível mais profundo de reflexão como artista, pesquisadora e mulher feminista.

Fig. 3. Apresentação da performance Rubra Fluidez na Royale. Agosto de 2018. Foto: Ricardo Brunhauser Karsten.



Em Rubra Fluidez compreendi o processo criador como sendo tão importante quanto a Performance em si. A pesquisa de campo, as interferências, as gravações, os ensaios e, finalmente, a apresentação para o público: cada uma dessas etapas mostraram-se equivalentemente importantes e valiosas. Não consigo enxergar a Performance dividida em antes e depois, pois penso na obra como um processo e não como um resultado acabado, como sugere Cauquelin (2011, p. 149). De acordo com a autora, isso equivaleria a pensar a obra segundo o tempo, o qual tornara-se suporte da criação na Arte Contemporânea em detrimento do espaço (CAUQUELIN, 2011, p. 150). Assim, considero interessante pensar no tempo que transpassou à pesquisa de campo, como o tempo que levava para as mulheres preencherem os papéis manualmente em contraste com o retorno extremamente rápido e em grande quantidade na internet. Através do estímulo de um cartaz, foi possível a criação de outros espaços de fala/escrita para mulheres que se ampliaram para os meios virtuais afetando diretamente a criação da performance. Além disso, mesmo com a performance estruturada, segui e sigo reunindo os relatos sobre a menarca.

Para mim, foi gratificante ver que Rubra Fluidez, apesar de ser uma performance solo, foi construída por uma multidão de mulheres. As mulheres que escreveram seus relatos no papel, a mulher que fotografou o cartaz e postou na internet, as mulheres que compartilharam seus relatos virtualmente, as mulheres que gravaram os áudios. Todas elas sustentaram meu trabalho ao mostrar que também desejavam falar sobre esse tema e ajudaram-no a tomar a forma que ganhou. A partir do momento em que decidi trazer outras mulheres para minha pesquisa, permiti que elas a transformassem, mostrando outros caminhos e possibilidades as quais, muito provavelmente, eu não percorreria sozinha.

Nesse contexto, a Performance aproxima-se do pensamento de que “a definição de um trabalho de Arte se aproxime hoje de um complexo de situações, procedimentos e momentos que já não culminam, correspondem ou cabem necessariamente em uma totalidade sintética” (BERNARDES, 2004, p. 117). Ainda de acordo com as palavras dessa autora, visualizo cada uma dessas etapas como uma “constelação de informações de natureza artística e documental” e compreendo a obra como “complexidade cuja ocorrência se dará plenamente através do conhecimento e da emergência de suas partes” (BERNARDES, 2014, p. 117).

Cauquelin (2011, p. 119) escreve também sobre o que nomeia de domínio do impreciso: aquilo que não cumpre nossas expectativas, que não ocorre como se deseja. Como exemplo disso, pode-se pensar em um fósforo que não acende ou uma borracha que não se flexiona, condições especificadas pelo “se”, que indica contingência (CAUQUELIN, 2011, p. 119). Ainda que a ação aconteça, a possibilidade de não ocorrer como esperado é sempre possível. Portanto, ao compreender que a pesquisa é viva, consigo traçar uma relação entre a fala da autora e meu trabalho. Do mesmo modo que a pesquisa de campo foi se transformando do papel à internet e a partir das interferências de outras mulheres, ela poderia não ter

se desenvolvido se ninguém respondesse à pergunta indicada inicialmente no cartaz. São possibilidades como essa que interessam à Cauquelin (2011, p. 120) ao estudar Arte, compreendendo que o “se” está presente no campo artístico e em seus mundos possíveis. Outro exemplo disso, seria pensar que a ideia inicial de usar os relatos escritos e que havia sido descartada quando decidi gravar os áudios, foi retomada no dispositivo artístico apresentado na disciplina do PPGART como descrevi anteriormente. Afinal, quantas possibilidades de apresentação ainda poderiam e podem surgir a partir desse processo?

## Considerações Finais

Compreendo a performance Arte como um espaço potente para abordar questões socioculturais relacionadas às mulheres. Por meio dessa expressão artística, há uma afirmação do corpo, não como um veículo para comunicar uma mensagem, mas sendo ela própria. Sua imagem instaura relações através das quais criam-se sentidos. Assim visualizo a Arte, mais especificamente, a performance e seu caráter transgressor, como um modo de escancarar, questionar e problematizar alguns pensamentos, muitas vezes enrijecidos e naturalizados.

Com a performance Arte busquei mostrar o feminino como algo plural e dar destaque às experiências diversas de mulheres também diversas que me atravessaram e ainda atravessam profundamente. Essa pesquisa foi sustentada por uma grande rede feminina. Foi realmente tocante para mim, ver como se criaram espaços de fala a partir dela, mesmo em momentos que eu não esperava. Por isso, diante da dimensão que tomou a proposta dos relatos, muito maior do que eu imaginava, pude confirmar aquilo que já vinha percebendo há tempos: as mulheres precisam falar e fazer-se ouvir. Diante disso, compreendo Rubra Fluides como uma obra em processo através da busca contínua por um trabalho mais horizontal e plural que possa representar cada vez mais mulheres e suscitar reflexões sobre tabus relacionados à mulher por meio da menstruação.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo sexo – fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- CANAU, Joël. Memória e Identidade. Tradução de: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CATTANI, Icleia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- RIBEIRO, Djamilia. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. vol I. Campinas: Papyrus, 1994.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. de 1990.
- VERSIANI, D. G. C. B. Autoetnografias: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: Letras, 2005.